

A função paterna primária:
O lugar do pai durante a gestação e no início da vida do bebê

Daniele Hauschild Scheer

Monografia apresentada como exigência parcial do Curso de Especialização em
Infância e Família: Avaliação, Prevenção e Intervenção –
sob orientação da Profa. Dra. Milena da Rosa Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Porto Alegre, abril/2013

DEDICATÓRIA

A todos os pais de “primeira viagem”, em especial, aos que colaboraram para a realização deste estudo, Caio e Tales.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Roni e Lilian, pelo amor, pela educação recebida e por terem me conduzido ao mundo do conhecimento, apostando sempre no meu potencial.

Às colegas da Especialização, pelas trocas de experiências e amizades construídas, em especial à Cíntia Olsen, Karen e Cláudia Leal.

À minha orientadora Milena da Rosa Silva, por me guiar na construção deste trabalho com seu conhecimento e experiência.

Meu agradecimento à minha sogra, Rosângela, pelo carinho e pelas caronas que facilitaram muito minhas idas e vindas à Porto Alegre no decorrer da Especialização.

Ao meu marido Cassiano pelo apoio, paciência e pelo amor que nos une.

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo investigar como se dá, atualmente, a função paterna em termos de interação, presença e comportamentos que caberiam ao pai no último trimestre de gestação da esposa e no terceiro mês de vida do bebê. Participaram deste estudo dois pais que esperavam seu primeiro filho aos 34 anos. Os pais foram entrevistados individualmente e as suas respostas foram examinadas através da análise de conteúdo. Os resultados indicaram que há um processo emocional significativo rumo à paternidade, quando os pais se deparam com uma série de sentimentos e mudanças pessoais e profissionais. Foi também verificado que estes pais realizam várias funções maternas de cuidado sem deixar de cumprir sua função paterna, entre elas o cuidado com a saúde física e o apoio e suporte emocional à gestante e mãe. Embora este estudo não tivesse a pretensão de se referir a todos os pais da atualidade, apontou indicativos de haver uma nova modalidade de paternidade, mais presente, participativa e afetiva.

Palavras-chave: função paterna; gestação; relação pai-bebê

ABSTRACT

The present study aimed to investigate how occurs the paternal function in terms of interaction, presence and behaviors that are due to the father in the last trimester of the wife's gestation and third month of the baby's life currently. The study included two parents who were expecting their first child at age 34. Parents were interviewed individually and their responses were examined through the content analysis. The results indicated that there is a significant emotional process toward fatherhood, when parents are faced with a range of feelings and personal and professional changes. It was also found that these parents realize various functions of maternal care while fulfilling their fatherly role, among them, the physical health care and emotional support to the pregnant woman and mother. Although this study did not have the intention of referring to all parents today, pointed indicative of there being a new kind of fatherhood, more present, participatory and affective.

Keywords: paternal function, pregnancy, parent-baby relationship.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Resumo..... | 4 |
| Abstract | 5 |
| Capítulo I..... | 9 |
| Introdução | 9 |
| 1.1 Objetivo | 12 |
| 1.2 Justificativa | 13 |
| Capítulo II | 15 |
| Método..... | 15 |
| 3.1 Metodologia..... | 15 |
| 3.2 Participantes..... | 15 |
| 3.3 Procedimentos e Instrumentos..... | 15 |
| Capítulo III | 17 |
| Resultados | 17 |
| 3.1 Desejo da paternidade..... | 17 |
| 3.1.1 Bebê muito planejado e esperado..... | 17 |
| 3.1.2 Satisfação narcísica | 18 |
| 3.2 Reação às mudanças da mãe/ do casal | 18 |
| 3.2.1 Sentimento em relação às mudanças do corpo da esposa | 18 |
| 3.2.2 Aproximação com familiares | 19 |
| 3.2.3 Sofrimento | 19 |
| 3.3 Apoio emocional à mãe | 20 |
| 3.3.1 Apoio frente às fragilidades emocionais da esposa..... | 20 |
| 3.3.2 Ajuda em função das limitações físicas da gestante..... | 21 |
| 3.4 Envolvimento paterno | 22 |
| 3.4.1 Participação no pré-natal | 22 |
| 3.4.2 Preocupação com os cuidados do bebê e com a saúde da esposa | 22 |
| 3.4.3 Participação nas decisões relacionadas à chegada do bebê..... | 23 |
| 3.5 Sentimentos em relação à paternidade | 23 |
| 3.5.1 Mudanças na vida..... | 23 |

| | |
|--|----|
| 3.5.2 Desejo de participar dos cuidados do bebê | 24 |
| 3.5.3 Frustração | 25 |
| 3.5.4 Necessidade da elaboração do vir a ser pai | 25 |
| 3.5.5 Construção do filho imaginário | 25 |
| 3.6 Experiência relativa ao parto | 26 |
| 3.6.1 O parto e os sentimentos decorrentes deste momento..... | 26 |
| 3.6.2 Foco no bebê | 26 |
| 3.6.3 Preocupação com a esposa | 27 |
| 3.7 Encontro com o bebê | 27 |
| 3.7.1 Satisfação narcísica | 28 |
| 3.7.2 Frustração narcísica | 28 |
| 3.8 Reação às mudanças da mãe/ do casal | 28 |
| 3.8.1 Dificuldade para compreender a regressão materna primária e a simbiose mãe/bebê ... | 28 |
| 3.8.2 Aceitação das mudanças na rotina – dependência do bebê | 29 |
| 3.9 Apoio emocional à mãe | 30 |
| 3.9.1 Esforço para compreender as dificuldades emocionais da esposa | 30 |
| 3.9.2 Esforço para se mostrar mais paciente e tolerante em relação à esposa..... | 30 |
| 3.10 Envolvimento paterno | 31 |
| 3.10.1 Interação: participação das atividades de cuidado do bebê e proximidade afetiva | 31 |
| 3.10.2 Responsabilidade: | 32 |
| 3.10.3 Acessibilidade: carga horária de trabalho como facilitadora ou empecilho para ficar mais com o bebê..... | 32 |
| 3.11 Sentimentos em relação à paternidade | 32 |
| 3.11.1 Alegria, satisfação | 33 |
| 3.11.2 Perceber-se um bom pai | 33 |
| 3.11.3 Adaptação às mudanças na rotina | 33 |
| Capítulo IV | 35 |
| Discussão | 35 |
| Capítulo V | 40 |
| Considerações Finais | 40 |
| Referências | 41 |

Anexos..... 43
 Anexo A..... 44
 Anexo B 47
 Anexo C..... 49

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Os efeitos da presença do pai na saúde mental do ser humano até pouco tempo não eram considerados e estudados pelos psicólogos e psicanalistas, sendo que a atenção estava voltada para a importância da função materna. É inegável que a mãe exerce um papel essencial e único na vida emocional da criança. É ela quem vai interpretar e acolher as necessidades do recém-nascido. E, ela e o bebê formarão uma unidade, pois a mãe, por um período, irá desligar-se do mundo externo e se envolver profundamente nessa relação. Para que a mãe seja assim devota e ofereça constância ao bebê, é fundamental que ela experiencie com seu bebê a preocupação materna primária, que é um estado de regressão, um momento de intensa sintonia com o seu pequeno filho. No entanto, para que a mãe possa realizar essa função, ela precisa de alguém que cuide das questões externas e que lhe ofereça suporte emocional, que a tranquilize. Fulgêncio (2007) refere que o pai é a pessoa mais indicada para oferecer suporte a sua esposa, pois ao lado dela criarão o ambiente ideal, ou seja, indestrutível, estável e acolhedor para criar seu filho, o que igualmente fornece as bases do sentido de família.

Winnicott (2008) defende que o pai é importante no desenvolvimento psíquico da criança, o incluindo durante a gestação e no início da vida do bebê. Ele é necessário para ajudar a mãe a sentir-se bem com ela mesma, fisicamente e emocionalmente, o que contribuirá para que a criança perceba uma sintonia entre o casal e no lar, tornando-se feliz e tranquila. O autor também refere que o pai é importante para apoiar e sustentar a autoridade e as leis que a mãe coloca ao filho. Isto só será possível se o pai estiver frequentemente presente, mostrando-se real para o pequeno ser. Caso sua presença seja estável e constante, contribuirá muito para o desenvolvimento psíquico de seu filho: “(...) se o pai estiver presente e quiser conhecer o próprio filho, este é uma criança de sorte e nas circunstâncias mais felizes o pai enriquece, de maneira abundante, o mundo do próprio filho” (Winnicott, 2008, p. 130).

Winnicott (1983) refere que a realização de um cuidado materno satisfatório só é possível devido a um cuidado paterno. O autor cita três estágios do processo de amadurecimento, relacionados entre si, em que o pai realiza satisfatoriamente o cuidado: holding; mãe e bebê em simbiose; pai, mãe e bebê triangulados. O primeiro estágio diz respeito à dependência absoluta do bebê em relação aos cuidados maternos e abrange os três primeiros meses de vida da criança. O autor diz que o lactente herda os processos de maturação - de progresso do ego e do self - que dependem da provisão de um ambiente favorável para evoluírem. Aos cuidadores cabe prover um ambiente que afete o processo de maturação do bebê, fazendo com que este seja capacitado a

se tornar parte dele. Esta adaptação ao processo maturativo é complexa, sendo a mãe sozinha, inicialmente, o ambiente favorável para que este movimento ocorra normalmente. As mães que se entregam completamente aos cuidados de seu nenê, satisfazendo suas necessidades do ego, proporcionam a proteção do vir-a-ser do mesmo, o capacitando para a construção de um ego corporal que ocorre pela relativa ausência de reações a irritações e incômodos, bases para a sua futura saúde mental. Na dependência absoluta o lactente não possui percepção dos cuidados maternos ou paternos.

Durante esta etapa, o pai precisa servir como holding para a mãe, oferecendo um ambiente tranquilo e estável para que ela tenha percepção e empatia das necessidades do bebê, o qual inicialmente não existe separadamente dela e vivencia os objetos como externos a ele próprio (Winnicott, 1983). Faz parte do colo materno que o bebê recebe nesta primitiva etapa de seu desenvolvimento, haver um pai que forneça qualidade ao ambiente em que a unidade mãe/bebê habita, atendendo, principalmente, às necessidades da mãe (Fulgêncio, 2007). Assim, o pai e a mãe juntos proporcionam o ambiente total que o bebê necessita para amadurecer. Neste momento, então, a função do pai não é conhecida da criança, mas é essencial para que o processo de amadurecimento aconteça e ela possa ter relações objetais, ou seja, perceber pai e mãe separados dela, tendo uma existência independente.

O segundo estágio que o autor utiliza para explicar o caminho até a independência da criança é o estágio de dependência relativa (Winnicott, 1983). Neste momento ela começa a ter conhecimento dos cuidados que recebe e passa a ter que se adaptar gradualmente a falhas na satisfação de suas necessidades, iniciando-se o processo de desilusão. Este é um período em que o mundo começa a ser apresentado ao lactente e esta apresentação da realidade externa só será não confusa se ele for cuidado por algum adulto devoto e atencioso. O bebê então começa a ter consciência de sua dependência, manifestando ansiedade quando a mãe se ausenta por um tempo maior do que sua capacidade de crer em sua sobrevivência. Neste momento há o contato com a realidade transicional que é a percepção da realidade subjetiva e da experiência da realidade externa. O papel do pai nesta fase, segundo Fulgêncio (2007), é ainda dar suporte à mãe para que ela se recupere do estado de preocupação materna primária e se aproxime dele, auxiliando na permissão da separação dela com o bebê. O pai, deste modo, permanece presente, fornecendo os alicerces para o sentido de família, proporcionando segurança, tranquilidade e estabilidade. Embora ainda não faça parte do interior da relação dual mãe/bebê, ele continua cuidando desta díade.

O último estágio citado por Winnicott (1983) é denominado “rumo à independência” e tem o seu auge aos dois anos e meio da criança, quando ela passa a ter percepção da mãe, sentindo necessidade de sua presença. Inicialmente, há uma intensa exigência à mãe verdadeira,

quando as cuidadoras atentam para minimizar a aflição, raiva ou desilusão que percorre os seis meses de vida do nenê até os dois anos, aproximadamente. A partir desta idade, as crianças possuem algumas condições de lidar com perdas, pois adquiriram novos desenvolvimentos e têm a presença de outras pessoas, como tias, avós e o pai, que passam a ser importantes e interagem com elas, as ajudando a, gradativamente, tornarem-se capazes de se defrontarem com o mundo. Inicia-se a socialização, e neste sentido, a independência. Rumo à independência diz respeito aos esforços que a criança pré-escolar e na puberdade manifestam para conquistarem a independência (o intervalo existente entre estas duas fases, o período de latência, não é considerado porque os pequenos, neste momento do desenvolvimento, aceitam sua dependência). No início deste estágio, o pai ainda não existe como tal para a criança e ao final, ele será integrado como um terceiro na relação edípica, passando a ser uma pessoa separada e real, construindo uma relação direta com o filho sendo, então reconhecido no mundo externo por ele.

Deste modo, observamos que Winnicott dá importância à pessoa real do pai no processo de amadurecimento da criança. Partindo desta concepção, vemos que a função paterna tem o seu lugar no desenvolvimento psíquico dos pequenos e, por isto, o seu entendimento torna-se relevante para psicólogos e para o mundo científico.

O lugar do pai na família vem se modificando no passar dos tempos. Fein (1978) e Muzio (1998) (citados por Silva, 2007) analisaram que até os anos 50, ao pai cabia prover o sustento financeiro da família e ditar as regras, não lhe sendo cobrada a responsabilidade por funções afetivas e cuidadoras dos filhos, missão esta voltada somente à mãe. A partir das décadas de 60 e 70 esse cenário se modificou muito em função dos movimentos sociais que afetaram o contexto no qual as crianças se desenvolvem. O movimento feminista exigiu mudanças nos papéis sexuais, provocando a entrada das mulheres no mercado de trabalho e conseqüentemente, a proximidade dos pais com os filhos. Assim, os pais passaram a ser também responsáveis pelo seu desenvolvimento. Somado a isto, na década de 80, pesquisas e observações do comportamento de bebês apontaram que os recém-nascidos possuíam a percepção do pai, significando que ele entra muito cedo na vida do filho (Maldonado, Dickstein & Nahoum, 1997, citados por Silva, 2007). Assim, nas últimas três décadas houve, por parte dos pais, um incremento na sua proximidade afetiva e participação da educação das crianças. Atualmente há a divisão das responsabilidades entre pai e mãe, entendendo-se que a figura paterna é capaz de exercer vários comportamentos e ser ativo nos cuidados e criação dos filhos, e que neste fazer e ser pai pode haver uma grande satisfação. Assim, os pais estão buscando e ocupando um novo lugar na sociedade e na família (Schwingel, Mantese & Vianna, 1993).

Essa mudança no modo como se vive a paternidade já pode ser observada desde a gestação. A gravidez e a formação do triângulo familiar geram no homem sentimentos

ambivalentes de felicidade e tristeza, aceitação e negação, e o modo como exercerão o seu papel de pai sempre estará relacionado com as experiências anteriores com outras paternidades, com características pessoais e com as representações simbólicas do papel de pai. Durante a gestação, há homens que oferecem apoio emocional para a mulher, estando disponíveis para auxiliar nesse momento tão intenso de sentimentos. Também existem aqueles que se distanciam por meio de mais trabalho ou outras atividades, ou que se colocam como expectadores acreditando que as dificuldades da gravidez são de responsabilidade da mulher (Souza, 1997). Rohde (1991) refere que a gravidez pode trazer ao novo pai sentimentos de satisfação, de alegria, mas também de exclusão. A esposa passa a ter mudanças corporais, sua atenção se volta mais ao bebê, ela passa a ser mais notada pela família e pela sociedade. Em cada fase da gravidez surgem emoções e fantasias com diferentes níveis de intensidade.

No terceiro trimestre da gestação, período que será investigado nesse estudo, Rohde (1991) enfatiza que há predomínio do sentimento de ansiedade, tanto para a mãe como para o pai. Para Piccinini et al. (2004) na última fase da gravidez, quando o nascimento do bebê está próximo, o pai, a princípio, consegue percebê-lo como real e se envolve mais com os preparativos para a sua chegada, sentindo como importante esse momento para a sua vida.

Nos primeiros três meses de vida do bebê, o outro momento que será foco deste estudo, a função do pai seria a de proteger o vínculo mãe-bebê para não haverem interferências que pudessem prejudicá-lo, pois são dos cuidados maternos que o pequeno ser inicialmente necessita para sobreviver (Fulgêncio, 2007). Cabe ao pai ser colaborador, tranquilizador, permitindo assim, um ambiente estável para que a mãe cuide suficientemente bem de seu bebê.

Entende-se que a paternidade é uma experiência que se constrói constantemente, ela é dinâmica, exigindo uma contínua adaptação emocional (Souza, 1997). Portanto, pensar na atuação da função paterna nos dias de hoje, no período da gestação e do terceiro mês de vida da criança, significa colaborar com os estudos e com a prática dos psicólogos, já que a figura do pai contribui significativamente para o desenvolvimento emocional infantil.

1.1 Objetivo

O objetivo deste estudo é compreender, através de um estudo de caso coletivo, como se dá, atualmente, a função paterna em termos de interação, presença e comportamentos que caberiam ao pai na gestação e no terceiro mês de vida do bebê. Esta compreensão terá como base a teoria de Winnicott.

1.2 Justificativa

Pretende-se, com este estudo, analisar a atuação da função paterna durante o terceiro trimestre de gestação da companheira e no terceiro mês de vida do bebê, visto que a figura paterna, ao lado da materna, são determinantes para o desenvolvimento infantil saudável. Diante de um histórico em que o pai era uma figura de autoridade e representava a lei, sendo, muitas vezes, distante afetivamente dos seus filhos e não tendo participação nos seus cuidados, hoje presenciamos outra realidade. Assistimos muitos pais cuidadores que participam ativamente da criação e educação das crianças, dividindo muitas tarefas com as mães. Pensando nesta transição em relação à função paterna, busca-se compreender as mudanças no papel do pai e refletir sobre as possíveis consequências deste “novo” pai para o desenvolvimento psíquico da criança. A teoria de Winnicott será o suporte teórico deste trabalho.

Este autor (1983) ensina que a função paterna, durante a gestação e no terceiro mês de vida do bebê, é de fornecer holding à mãe, dar suporte, assistência e segurança para que ela entre no estado de preocupação materna primária. Deste modo, percebemos que a participação paterna, neste período, possui grande importância para o desenvolvimento do bebê, pois a proteção que fornece à unidade mãe/bebê proporcionará ao filho um ambiente de confiança, estável e contínuo, necessário para o seu amadurecimento. O pai, sob essa visão, tem papel ativo desde a gestação, mesmo que tenha que esperar “de fora” o seu momento de relacionar-se diretamente com seu filho.

O último trimestre de gestação será estudado por ser o período, segundo Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes e Tudge (2004) que os pais participam mais dos preparativos da chegada do bebê, sentindo a paternidade como algo real em suas vidas. Também se optou em compreender a função paterna no terceiro mês de vida do bebê, quando este se encontra no estágio de dependência absoluta em relação aos cuidados maternos (Fulgêncio, 2007). São dois momentos em que o importante não é tanto a interação direta do pai com o bebê, mas nos quais a função paterna que realiza, por meio de sua presença e suporte à mãe, será essencial para o processo de amadurecimento do filho.

Fulgêncio (2007) refere que primeiramente o pai deve ficar de fora da relação mãe/bebê para não interferir negativamente, pois a mãe, neste momento, se encontra em intensa identificação e regressão com o bebê, o que pode impedi-la de perceber aspectos da realidade. Esta autora acredita que o pai deva criar um espaço para que a mãe possa se entregar e mergulhar no mundo que é do bebê e dela, sem preocupar-se com as questões externas. Ao mesmo tempo em que a mãe se encontra num estado de regressão, ela também está num estado de dependência, necessitando do suporte e da iniciativa do marido. O pai novamente tem uma função importante:

entrar em cena no sentido de estar atento às questões da realidade. Caso o pai não respeite essa “linha divisória”, ou seja, o espaço que é da unidade mãe/bebê, ele será intrusivo para o bebê que inicialmente necessita apenas dos cuidados maternos, não sendo possível incluir um terceiro na sua vida, pois ainda nem conseguiu separar-se da mãe e constituir uma relação dupla. A autora expõe que mais tarde o pai será importante e terá um lugar próprio para o filho, mas para que isso ocorra é necessário que as primeiras etapas sejam cumpridas com sucesso. Nesse sentido, o pai deve aceitar a sua posição inicial de cuidador e protetor da relação dual mãe/bebê para depois poder ter a sua própria relação com a criança. Portanto, o pai deve servir, inicialmente, como holding à mãe, dando suporte a tudo que ela precisa para realizar bem a sua função.

Quando há o suporte do pai e a mãe pode dedicar-se intensamente ao bebê, a função paterna e materna no início da vida da criança tornam-se complementares e, portanto, saudáveis para o seu desenvolvimento psíquico. O modo como o pai cuida da mãe, o suporte que a ela oferece, é o tipo de relação que é vivido pelo bebê, já que ele ainda é uma extensão da mãe e vice-versa. Se o pai mergulhasse, assim como a mãe em simbiose com o bebê, as questões da realidade estariam ausentes de resolução (Silva, 2007) e poderiam surgir prejuízos no processo de amadurecimento da criança.

Portanto, essa questão atual do desejo por parte dos homens, de interagir e se comunicar com o bebê desde o início de sua vida, compartilhando com a mãe os cuidados de higiene, da alimentação do bebê e estando disponíveis para o carinho, colo, olhar atencioso (Borges, 2005) nos mostra que pode estar havendo uma confusão de papéis desde o nascimento do bebê, de modo que etapas importantes podem estar sendo ignoradas. O pai vem ocupando mais cedo o seu espaço, o que poderia ser visto pela psicologia do desenvolvimento e pela psicanálise como algo intrusivo na relação mãe-bebê, uma vez que, inicialmente, o bebê e a mãe necessitariam de proteção e apoio externo. Será que esses pais participativos e que dividem os cuidados do bebê com a mãe estariam cumprindo a função de proteger a díade mãe-bebê? Este estudo pretende analisar esta questão.

CAPÍTULO II

MÉTODO

3.1 Metodologia

A função paterna, no presente trabalho, será analisada a partir de um estudo de caso coletivo. Este tipo de estudo não tem interesse no caso em si, pretendendo entender mais de um caso e extrair o que há de comum e de particular entre eles (Stake, 1994). Há a pretensão de compreender um fenômeno ou teoria, no caso do presente estudo, ao exercício da função paterna na fase final de gestação da companheira e no terceiro mês de vida do filho. O estudo de caso também é um método de pesquisa que viabiliza os estudos psicanalíticos, pois permite observar e compreender o que esta linha teórica propõe.

3.2 Participantes

Participaram deste estudo dois pais: Caio e Tales. Caio, 34 anos, tem um relacionamento estável com Eliana há quatro anos. Tentaram por um ano e oito meses engravidar, até que veio o Mateus, primeiro filho dele, dela e do casal. Tales vive em união com Ana há dez anos. Aos 34 anos é pai de Vítor, primeiro filho seu e de sua esposa. Ela teve dificuldades para engravidar, esperando um ano e meio para gestar.

Ambas as esposas não apresentavam problemas de saúde durante a gestação. Os participantes eram de nível econômico médio, estáveis profissionalmente e moravam numa cidade do interior do RS.

3.3 Procedimentos e Instrumentos

O convite para participar do presente estudo foi feito, para um dos pais, através da gestante, por telefone, e para o outro o convite foi feito pessoalmente diante do casal. Nos dois casos foram explicados os objetivos do estudo e agendado o primeiro encontro com cada pai individualmente. O roteiro das entrevistas realizadas pertence ao "*Estudo Longitudinal de Porto Alegre: Da Gestação à Escola*" – ELPA (Piccinini, Tudge, Lopes & Sperb, 1998) que teve por objetivo investigar diversos aspectos subjetivos e comportamentais das interações iniciais pai-mãe-bebê, bem como o impacto de fatores iniciais do desenvolvimento nas interações familiares, no comportamento social de crianças pré-escolares e na transição para a escola de ensino

fundamental (Lopes, Vivian, Oliveira, Silva, Piccinini e Tudge, 2009). No primeiro encontro realizou-se a “*Entrevista sobre a Gestação e as Expectativas do Futuro Pai*” (ELPA) no terceiro trimestre da gestação, quando também assinaram o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* e agendou-se a segunda e última entrevista: “*Entrevista sobre a Experiência da Paternidade e o Desenvolvimento do Bebê no Primeiro Trimestre*” (ELPA).

CAPÍTULO III

RESULTADOS

Foi realizada uma análise de conteúdo (Bardin, 1977) para examinar a função paterna em termos de interação, presença e comportamentos que caberiam ao pai no último trimestre de gestação da esposa e no terceiro mês de vida do bebê. Com base nas respostas dos pais dadas nas entrevistas do último trimestre de gestação, foram criadas cinco categorias temáticas: 1. Desejo da paternidade; 2. Reação às mudanças da mãe/ do casal; 3. Apoio emocional à mãe; 4. Envolvimento paterno; 5. Sentimentos em relação à paternidade. Seis categorias foram criadas para compreensão das falas paternas no terceiro mês de vida do bebê: 6. Experiência relativa ao parto; 7. Encontro com o bebê; 8. Reação às mudanças da mãe/ do casal; 9. Apoio emocional à mãe; 10. Envolvimento paterno; 11. Sentimentos em relação à paternidade. Estas categorias foram divididas em subcategorias que serão apresentadas a seguir, buscando ilustrá-las através de relatos dos próprios pais.

3.1 Desejo da paternidade

Pôde-se verificar que os pais participantes esperaram pela gravidez da esposa ansiosos, queriam muito ter um filho. O principal motivo que impulsionava este desejo era ter alguém que lhe garantiria continuidade genética e mostraria sua capacidade viril. As subcategorias são as seguintes:

3.1.1 Bebê muito planejado e esperado

Ambos os pais referiram desejar serem pais e estarem ansiosos pela espera da gestação: *“Na verdade o Mateus foi muito desejado, muito esperado. Já fazia um ano e meio, um ano e oito meses que a gente tava naquela e ela acabava não engravidando”*, revela Caio.

Tales relatou expectativa e emoção quanto à gravidez da esposa, pois já estavam tentando e desejando a vinda do filho há algum tempo. *“Olha, para mim foi uma surpresa porque, porque a gente já tava há algum tempo tentando, né e não, não e ficava sempre naquela angústia: será que vai ser nesse mês, será que a gente vai conseguir ou não”*. Assim Tales se sentiu ao saber da notícia da gravidez da esposa por telefone: *“Ah, eu me emocionei muito, eu chorei, gritei, eu buzinei, eu abanei, eu tava dentro de um carro, podia até ter sofrido um acidente. Foi uma emoção muito legal”*.

3.1.2 Satisfação narcísica

Através dos relatos pode-se apreender que a vinda do filho trouxe para esses pais uma satisfação narcísica, de poderem ver no filho uma continuidade de si mesmo: *“Eu sempre tive o sonho de ser pai, então é estranho, ao mesmo tempo não sei como explicar. Tu deseja muito isso, é diferente, além daquela idéia que agente traz lá dos ancestrais da proliferação da espécie mesmo. É como se a tua vida tivesse seguimento, mesmo tu não estando mais aqui, independente se é menino ou menina, isso não vem ao caso, mas é a continuidade da vida, não sei, muda todo um pensamento, uma idéia que a gente tem. É difícil dizer uma palavra que vai expressar aquele estado ali* (Caio). De modo semelhante, Tales demonstra almejar essa continuidade, imaginando que seu filho terá características suas e de sua família - careca, olhos verdes e alegre - como em sua fala: *“Ah, o Vítor, o Vítor vai ser uma criança muito alegre, se ele puxar o pai, muito brincalhona, espero que ele venha com saúde, e vai trazer uma alegria enorme pra dentro dessa casa!”*.

A fala de Tales ainda evidencia que o ato de gerar um filho atestou sua masculinidade e fertilidade a si e ao seu pai: *“Num sábado de noite a gente tava toda a minha família reunida e o pai olhava pra minha mãe e pra mim, que olhava para minha mãe e olhava pra mim, até que uma hora ele disse: acho que esse aí nasceu falhado! Dizendo para mim como que tava na hora de ter um neto meu também”*.

3.2 Reação às mudanças da mãe/ do casal

Percebeu-se que o investimento da esposa voltado ao bebê e às mudanças do corpo dela provocaram mudanças significativas na rotina do casal e geraram sentimentos intensos para o homem, como abaixo subcategorizado.

3.2.1 Sentimento em relação às mudanças do corpo da esposa

Esta subcategoria expõe o que ambos os pais sentiram com a transformação da barriga da esposa. Caio estava encantado: *“Eu acho ela muito linda grávida! Eu curti bastante. Eu ainda essa semana brinquei e disse: mais duas semanas não tem mais esse barrigão!”*. Enquanto Tales percebia essa mudança com estranhamento: *“Olha, às vezes a gente fica assim, meio assustado. Por exemplo, eu sempre fui uma pessoa que gostei de pessoas que não fossem gordas, então tu olhando aquela barriga tu acha meio estranho. Mas eu sei que isso é uma fase, uma fase”*.

3.2.2 Aproximação com familiares

Ambos os pais referiram mudanças familiares a partir da gravidez. Verificou-se que era importante estarem em harmonia com familiares, sentirem esses próximos. Precisavam de seu apoio e encontravam neles segurança para o novo momento que se aproximava.

Para Caio, a vinda do filho acionou sentimentos de valorização da união familiar: “... *Mas a gente viu a chegada do Mateus como um momento para zerar muita coisa, então pessoas que eu tinha alguma pendência que era o caso da família, eu estendi a mão e procurei chegar. Se não deu certo, não foi por falta de tentativa. A Eliana fez a mesma coisa, então se não deu certo não foi por falta de tentativa. Hoje em dia há estas questões de não deixar nada mal resolvido com ninguém, então nesse ponto de família a gente procurou fazer isso, se aproximar e coisa*”.

Tales parecia se sentir muito feliz com o apoio que estava recebendo de sua família, mas frustrou-se um pouco com a mãe de Ana, por ela não ter expressado alegria com a notícia da gravidez: “*A família da Ana, como eles já tem, a mãe dela já tem várias netas, pra ela eu vejo que a reação foi bem, foi bem seca. É que a família deles é mais seca, não é uma família de tu chegar e dar um abraço, dar um beijo, um parabéns, agradecer muito obrigado, eles são um pouco retraídos nesse sentido. Minha família é ao contrário, pra minha família eu dei a notícia no Natal, em vez de eu dar um presente eu dei o envelope e a minha mãe, meu Deus, era choro, e meu pai era choro*”. Por outro lado, sabia que poderia contar com a ajuda da sogra e outras pessoas da família: “*Minha sogra, minha irmã, apesar que ela tá longe, em Caxias, pertinho lógico, não é longe, a minha mãe também e meu pai, meu pai também vai dar uma força grande também, nesse sentido...os irmãos dela também e as cunhadas, então a família em si toda, todo mundo vai da uma força*”.

3.2.3 Sofrimento

Caio expressa o quanto foi difícil se sentir “excluído” nos primeiros meses de gestação da esposa. Este sentimento mostrou-se relacionado a mudanças que estavam sendo vividas pela esposa e não por ele, como os enjôos: “*Todo dia de manhã ela levanta e vai correndo para o banheiro, perfume esquece, tu não usa mais. Todo hábito que tu tem, de chegar em casa e fazer um chimarrão e vocês dois tomar, não tem mais. Até o chimarrão enjoa. Tudo aquilo que tu fazia antes, enjoa. Só que pra ti não enjoa. Daí fica complicado, tem que entender a situação dela e ao mesmo tempo lidar com aquilo ali. Então, é uma situação difícil. A impressão que eu tinha era que quanto mais longe, não no sentido de ficar fora de casa, mas quanto mais afastado*”.

eu tivesse, melhor. Pelo menos foi essa a sensação que eu tive". Seu relato também remete a uma percepção de uma falta de interesse da esposa de proximidade com ele, demonstrando ter sido muito doloroso aquele período.

Já no último trimestre de gestação de Eliana ele passou a se sentir importante e incluído. *"Eu tinha pra mim que isso ia ser passageiro, que isso ia passar. E de fato passou. Hoje, meu Deus, mil maravilhas! Hoje é o contrário. O tamanho da barriga, aquela dificuldade de se mover, e como no meu caso, acabo estando muito mais perto. O que compensa aquela distância de antes. Hoje ela é mais dependente e isso eu noto porque a Eliana sempre foi uma pessoa muito independente. Ela não é de pedir as coisas, ela costuma fazer. E na situação de agora ela tá pedindo mais as coisas, desde os últimos meses*". Caio também se mostrava muito ansioso para a chegada do filho Mateus, segundo sua fala: *"Eu to bastante ansioso, to bem mais ansioso do que ela"*.

3.3 Apoio emocional à mãe

Verificou-se que os pais tinham percepção do estado emocional de sua esposa, notando que estavam mais sensíveis emocional e fisicamente e deste modo, procuravam compreendê-las, cuidá-las e ajudá-las.

3.3.1 Apoio frente às fragilidades emocionais da esposa

Caio estava cuidadoso com a esposa, buscando poupá-la de preocupações ou de problemas externos. Percebia que o momento era de maior fragilidade: *"Eu to procurando apoiar da maneira que estou achando correta, atritos eu to evitando ter desde o início, então se acontece qualquer problema eu só digo que não gostei, ou que não compartilho da mesma idéia, mas procuro encerrar o assunto, não fico dando mais pano para manga. Situações agora no final também que possam trazer nervosismo, também estou procurando evitar, se é algum assunto que consigo resolver nem envolvo ela, às vezes é assunto de trabalho e querendo ou não, a vida continua, então tu tem que procurar aliar aquilo ali*". Este pai ainda se preocupou com outros detalhes: *"A Eliana estava bem em todos os sentidos, aí eu disse para ela, criatura, tem que arrumar a mala dessa criança pra levar para o hospital, tu não te mexeu, daqui a pouco tu diz pra mim, começou as contrações, to eu correndo, quantas calças eu pego?"*.

Tales observou que a esposa estava mais nervosa, achando esta uma situação difícil. Mas demonstrou querer interpretar o que estava deixando-a assim e ajudá-la: *"Olha... é difícil, é difícil. O jeito dela de lidar comigo ta diferente, lógico, ela ta como vou dizer... Antes ela era*

mais acessível, hoje ela parece que tá mais nervosa, fica mais nervosa mais fácil, não sei, talvez porque ela não consiga fazer as coisas que precisa fazer, de casa que normalmente ela fazia, né. Eu sempre digo pra ela: cuida, não carrega peso, não faz isso, não faz aquilo. E ela fica meio nervosa nesse sentido, de não poder fazer, então qualquer coisinha que a gente fala com ela, ela fica meio agressiva, nesse sentido. Então eu sempre digo calma, não carrega isso, deixa que eu carrego, deixa que eu chego em casa, ou pede pra alguém fazer”.

3.3.2 Ajuda em função das limitações físicas da gestante

Devido às impossibilidades físicas que a gestação coloca, o apoio na realização de algumas tarefas domésticas e de cuidados pessoais e da saúde da esposa foi referido pelos pais deste estudo: *“Faço isso de buscar água, normalmente eu deixava ela fazer, a água tá na geladeira e tu que vai buscar, agora a gente dorme lá em cima, antes no apartamento era um piso só. Então tu vai buscar, tu vai buscar água, precisa carregar as coisas do mercado, vou no mercado, né. As funções da obra corri atrás praticamente de tudo, pra não atrasar, pra organizar a casa. Então a gente sempre dividia muito as funções, ela fazia uma parte e eu fazia a outra, então era dividido todas as tarefas praticamente, mas hoje ajudo bastante nesse sentido”,* disse Tales que também revelou: *“É, até uma coisa estranha... uma coisa que normalmente acho que toda a mulher vai se preocupar quando vai no ginecologista, é a questão da depilação, até isso eu já cheguei a fazer”.*

Caio também referiu apoiar nos afazeres: *“Amarrar o tênis, aquele negócio do cansaço, querendo ou não ela tá naquela fase de sentar, olhar TV, tem muito sono nesta época agora, às vezes os afazeres da casa, tratar a cachorrada lá em casa, tu acaba fazendo o que tu continuava fazendo normal, e aqueles afazeres que geralmente tu não iria se preocupar, como estender uma roupa, às vezes que é mais pesado, alguma coisa deste tipo ou levar para máquina, ela acaba se limitando agora então no meu caso, como eu consegui ficar, eu acabo assumindo esta parte”.* Caio se preocupou em evitar que sua esposa sentisse desconforto físico pelo tamanho do bebê na barriga: *“... Porque tu começa a falar com ele, se ele tá acordado, se não tá dormindo, ele se mexe. Só agora eu procuro não fazer muito, como ele tá grande, aí pra ela é um pouco sofrido, então ele força bastante, coloca o pezinho debaixo da costela, empurra, então dói, ela reclama. Pra levantar, por exemplo, tem que virar de lado, aí to eu ajudando a subir, aí empurra pra frente!”.*

3.4 Envolvimento paterno

Os relatos dos pais revelaram envolvimento na gestação ao participarem do pré-natal, ecografias, ao se preocuparem com a saúde da esposa e do bebê e ao participarem do planejamento da organização da casa e do tempo com a chegada do bebê.

3.4.1 Participação no pré-natal

Caio e Tales participaram de todo o pré-natal, incluindo as ecografias. Ambos relataram sentimentos desencadeados ao ver o bebê, como emoção, responsabilidade e a sensação de presença concreta do filho.

Caio inclusive trouxe detalhes: *“A gente faz aquelas da seqüência. Aquela com doze semanas, a de 20 semanas que é pra gente ver a questão morfológica, o desenvolvimento de todos os membros, se a criança tem alguma síndrome, lábio leporino... a gente fez uma com 17 semanas pela curiosidade de saber o sexo do bebê, mas ela não é obrigatória. Mas com aquela curiosidade e hoje em dia com a tecnologia 3D, aquela coisa toda, todo mundo quer fazer e daí com a gente não foi diferente...”*. Este mesmo pai também relatou sua emoção e, ao mesmo tempo, como a ecografia concretizava a sua paternidade e a responsabilidade advinda deste papel: *“Não sei, tu queria muito aquilo, então, é emocionante tu ver a criança, assim como ser pai, é difícil dizer o que tu sente olhando para aquela criança ali. Ao mesmo tempo aquilo traz toda a responsabilidade que tu tá trazendo, a responsabilidade de ser pai...”*. Tales também descreveu sua emoção ao ver as ecografias: *“Emocionado como qualquer uma pessoa fica de uma coisa tão pequena ali que depois vai tá no mundo, uma pessoa que vai se cria junto com nós, a gente vai ter que educar... sei lá, emoção, só emoção”*.

3.4.2 Preocupação com os cuidados do bebê e com a saúde da esposa

Caio estava nervoso e preocupado com a esposa e com o bebê, pois o cordão umbilical havia dado duas voltas no pescoço. Ele disse: *“Devido a isso eu to bastante ansioso, ela optou pelo parto normal, não tem problema nenhum, tranquilo, mas eu to ansioso com essa situação, preocupado. Então o que eu pedi pra médica na consulta passada, foi pra que não oferecesse risco, de forma alguma, pra ela nem pro nenê”*.

Tales também demonstrou preocupação com a saúde de Ana e do bebê: *“Primeiramente a saúde, a saúde dos dois principalmente. Sempre cuidando com o que a Ana tá se alimentando*

é uma preocupação, porque ela nunca se cuidou nessa questão de alimentação e é uma questão que eu sempre cobro bastante dela isso. Sempre digo: ‘hoje tu tem que cuidar não só de ti, mas também do bebê’”.

3.4.3 Participação nas decisões relacionadas à chegada do bebê

Os últimos meses de gestação trazem a necessidade de organizar e planejar a casa e o tempo para a vinda do bebê. Os pais participantes se mostraram presentes e ativos nestas decisões, como pode se apreender pela fala de Caio: *“A gente acabou se programando para nós dois sair [de férias] agora, então pelo menos uns vinte dias depois que o Mateus nascer eu não pretendo voltar para o escritório, pra nada, então pretendo ficar junto com ela, a gente não pegou ninguém a princípio para estar junto, acreditando que a gente vai dar conta, ir um sempre contando com o outro, estamos procurando viver todas as fases, etapas”.*

3.5 Sentimentos em relação à paternidade

Esta categoria mostra alguns sentimentos despertados pelos pais com a vinda da paternidade e a partir das mudanças às quais eles vinham se adaptando e vivenciando, como redução de tempo para lazer, aproximação familiar e reorganização da vida profissional. Havia grande desejo de serem ativos nos cuidados com o bebê e presentes da vida do filho. A frustração foi um sentimento negativo que apareceu quando da descoberta do sexo do bebê. Ainda nesta categoria é apontado que ambos os pais entrevistados passaram pela elaboração do vir a ser pai, e que cada um vivencia esta experiência no seu tempo e do seu jeito. A construção do filho imaginário esteve presente em seus relatos, mostrando expectativa e sentimentos positivos em relação à paternidade.

3.5.1 Mudanças na vida

Pôde-se verificar que os pais deste estudo estavam conscientes de que sua vida mudaria a partir da paternidade, principalmente que reduziria o tempo para si e que a prioridade passaria a ser o seu filho: *“Acho que filho é uma coisa que a gente tem que programar pra ti ter, tu vai precisar desse tempo, a tua vida vai mudar, vai girar em torno daquela criança, então eu acho que tu te dedica a isso e foi o que a gente se propôs. A gente quer ter um filho que é pra nós cuidar...”* (Caio). Tales revelou: *“Lógico, a rotina vai mudar, a gente vai ter que deixar coisas que a gente faz hoje mais pra trás, deixar em segundo plano, pra dar uma prioridade pra*

criança. Eu acho que agora os primeiros tempos que a criança não se vira sozinha eu acho, primeiro a criança depois os afazeres, sei lá, limpeza da casa, organização, nesse sentido. Digamos que não vai ser tranquilo, como eu gosto de ver tudo organizado, tudo ajeitado, vou dormir menos eu acredito, espero que não, mas eu acredito que vou dormir bem menos, mas fazer o que, a gente optou por isso, ”.

Os participantes referiram imaginar e sentir algumas transformações a partir da paternidade, relacionadas ao seu jeito de ser, à família e ao trabalho: *“Na questão de, eu me preparando, sei lá, não sei te explicar como, mas parece que até o meu modo de agir, até com as pessoas mudou. Sei lá, parece que eu fiquei mais adulto. Eu era uma pessoa totalmente brincalhona e eu fiquei mais adulto. Sei lá, alguma coisa mudou em mim, parece que eu já sou pai e eu tenho que criar, cuidar, educar, mas eu senti mudanças”.* Tales ainda imaginava: *“Ele vai mudar muito, porque a gente vai ficar mais, como vou te dizer, mais unidos, no sentido de estar os dois, vamos pra algum lugar, vai sempre os dois juntos, os três juntos. Aí vai se tornar mais unido, mais unido a família, eu acho que vai. A gente pode fazer bastantes programas juntos, coisa que a gente fazia muito pouco. Acho que vai melhorar isso”.*

Para Caio, a vinda de Mateus, além de alterar a rotina do casal, também proporcionou uma reorganização profissional. Isto porque suas atividades profissionais anteriormente exigiam viagens e períodos longe de casa: *“A gente sempre tava viajando, nunca tava aqui. Ai não tinha tempo para a família. Era feriado, viajando, e não passava com a mãe. E nós decidimos acabar mudando isso. Ela vai ter nenê, então vamos ficar aqui. Até o nosso foco de trabalho mudou totalmente para a gente conseguir ficar aqui. Então foi toda uma mudança que veio ocorrendo. Mas nós nos dispomos para isso”.*

3.5.2 Desejo de participar dos cuidados do bebê

Percebeu-se que Caio e Tales planejavam muito serem presentes e cuidarem de seus filhos, como dar banho, trocar, alimentar, brincar: *“Eu não sei se isso é normal, de todo o pai, mas eu sou uma versão totalmente oposta daquela antiga, então eu já disse que o primeiro banho é meu, é eu que dou! Eu me vejo bem participativo, mas isso é porque eu quero ser assim, então é eu que quero dar banho, eu que quero trocar [fralda].”,* revelou Caio. Tales também referiu o desejo de ser presente na vida de seu filho: *“... Eu vou curtir ele muito, porque eu gosto de criança, gosto de tá brincando, atenção, quero tá com ele sempre junto do meu lado, quero mostrar pra todo mundo quem é que é o meu filho, nesse sentido”.*

3.5.3 Frustração

Os pais participantes revelaram que esperavam por uma menina, tendo que construir um novo bebê imaginário ao saber do sexo de seu filho que era um menino. Tales demonstrou certa frustração ao saber do sexo do bebê: *“Pra mim normal, se viesse menina ou menino pra mim iria ser indiferente, todo mundo diz que o homem prefere menino, pra mim isso não é verdade, pra mim é bem ao contrário. Pra mim eu até achei que ia ser uma menina, eu gostaria de ter uma menina...”*. Caio relatou que imaginava ser uma menina: *“Eu tinha expectativa de ser uma menina na verdade, não que preferisse isso, pra mim tanto faz, eu não sei, tinha aquela idéia que iria vir uma menina, não sei por quê. Acabou que era um menino e a Eliana dizia, se tu acha que é uma menina esquece, é um guri, e acabou dando um menino mesmo”*.

3.5.4 Necessidade da elaboração do vir a ser pai

A chegada da paternidade também exigiu uma elaboração desta nova função que se aproximava. Percebeu-se que os pais lidavam de diferentes formas com esta significativa mudança em sua vida. Para Caio, o vir a ser pai parecia ser um processo já mais trabalhado internamente, mais elaborado. Neste processo de tornar-se pai, ele referia tanto uma grande expectativa e realização de desejo, quanto momentos dolorosos: *“Mas a vivência foi essa, teve fases boas e fases ruins. No geral, que é o filho que tá vindo, meu Deus, é um sonho que eu queria pra minha vida, construir uma família, mas passa por fases complicadas”*. Já Tales expressou certa dificuldade em assimilar a vinda do filho e a sua transição para a paternidade: *“Ainda parece que pra mim ainda não caiu a ficha. Mas conforme foi crescendo a barriga da Ana aí eu percebi que agora tá vindo, como é que vou te dizer, um filho meu”*.

3.5.5 Construção do filho imaginário

Em seus discursos, os pais revelaram o quanto estão envolvidos com a paternidade, tendo construído um ideal de filho. Caio imaginava que seu filho seria brincalhão, alegre e tranquilo. Pela ecografia imaginava que não seria parecido com ele: *“Ela (a esposa), pela eco, achou a minha cara, mas eu não achei muito não!”*.

Tales imaginava e desejava que seu filho fosse estudioso, alegre, calmo, com características suas como pouco cabelo e brincalhão. Acreditava ainda que ele teria os olhos verdes da avó, e de Ana imaginava que puxaria um pouco o temperamento: *“Vai nascer careca que nem o pai, pouco cabelo acredito eu, se nascer com cabelo vai nascer com cabelinho”*.

escuro. Depois com o tempo, vai clarear, esperava que ele nascesse com os olhos verdes da minha tia e da minha mãe, mas eu acho que não vai ser, mas tranquilo! Ah, sei lá, pra mim eu imagino ele uma criança linda, isso que eu imagino”.

As categorias subsequentes compreendem as falas paternas da segunda entrevista, referente ao terceiro mês de vida do bebê.

3.6 Experiência relativa ao parto

Os relatos dos pais analisados neste estudo apontaram que ambos desejavam participar do momento do parto, sendo que cada um experienciou o mesmo de maneira negativa e o outro, positiva. Esta categoria chama a atenção que Caio e Tales voltaram sua preocupação e foco para o bebê logo após o nascimento deste, não conseguindo ter este cuidado com a esposa.

3.6.1 O parto e os sentimentos decorrentes deste momento

Os dois pais quiseram assistir o parto. Caio vivenciou uma experiência negativa devido a uma complicação, os batimentos cardíacos do bebê estavam lentos e ele precisou de oxigênio. Disse ter ficado traumatizado, sem dormir, necessitando de tratamento psiquiátrico: *“Aí, deu aquele... aquele sofrimento ali no nascimento, mas, graças a Deus, passou. Mas foi um susto muito grande, eu tomei um cagaço. Eu fui pro psiquiatra, eu pedi remédio porque não deu. Não dormia, não dava...”*.

Para Tales o momento do parto foi de alegria: *“Ah, uma emoção... não tem como explicar, é só pra quem tá sendo pai eu acho que pode explicar essa sensação. Sensação de orgulho, de, sei lá. É inexplicável, é inexplicável”*.

3.6.2 Foco no bebê

Verificou-se que outro sentimento presente no momento do parto foi o medo de acontecer alguma coisa com o bebê e a responsabilidade que cada pai assumiu de acompanhar todos os procedimentos dos profissionais. No caso de Caio a tensão parece ter sido intensa: *“... E aí eles sempre escutando o batimento cardíaco ali, normal e tava naquela frequência que eu tinha gravado como a normal. Da última vez que ela botou, aquilo tava muito devagar. Quando ela botou o aparelhinho assim ó, eu já tomei um susto al. A máquina, eu esqueci de tirar foto. Eu não tenho foto nenhuma da hora que ele nasceu ali. Eu acho que se não tivesse o anestesista pra tá ajudando lá na hora tinha dado problema. E daí, ele pegou... ele nasceu, não chorou, ela*

tirou aquela circular e a pediatra que tava pegou e se mandou. E tipo, a criança tem três minutos, pelo o que ela explicou, pra respirar, ou dá algum problema por causa da oxigenação, aquela coisa toda. Ele respirou lá nos dois e meio. E daí, tu imagina o que é passar aqueles dois e meio ali. Aí, eu tomei um susto muito grande”.

Tales acompanhou os primeiros cuidados realizados com o filho na sala do parto. Para ele, estava seguindo as orientações que Ana havia dado momentos antes, de que era para focar no Vítor: *“Olha, é muito emocionante porque no dia que a Ana foi pro hospital que a gente foi pra fazer a cesária na segunda-feira que foi dia treze, a Ana lá dentro da Unimed que a gente foi pegar a requisição, ela me disse: ‘ó, Tales, foca no Vítor. Caso aconteça alguma coisa, foca nele, pelo amor de Deus, não larga dele’.* E aquilo ali ficou na minha cabeça”.

3.6.3 Preocupação com a esposa

Pôde-se averiguar que no momento do nascimento do filho, a preocupação maior era com o bebê, e a emoção parecia estar voltada ao ser pai. A atenção à esposa foi, portanto, minimizada.

Tales relatou que “esqueceu” da esposa. Ficou tão atento e emocionado com o filho que lembrou da esposa horas depois do nascimento de Vítor: *“Voltei era umas três horas da tarde, acredito eu, pro hospital, aí, a enfermeira disse assim ‘olha, o médico tava aqui, ele queria conversar contigo sobre a Ana’ e eu bobo, não, o nenê e coisa e tal, e só Vítor, coisa mais linda, não chora, isso e tal. Daqui a pouco eu me toquei, ‘meu Deus, a Ana!’ Tinha me esquecido da Ana”.*

Pareceu que Caio tentou preservar a esposa do que estava ocorrendo, mas sua atenção estava voltada mais ao bebê: *“Eu fiquei ali com ela, porque eu já tava ali, daí, a médica ajudava às vezes: ‘não, calma, tá tudo bem’.* Eu disse ‘não, eu vou lá olhar’. Aí, eu voltava ‘olha, tá bem, ele só tá com uma dificuldade de respirar, mas tá bem. Não tem nada’, isso e aquilo e aqueles dois minutos não passavam, tava com algum problema mesmo. Mas aí, graças a Deus, foi ali no... no último [minuto] ali, deu pra escutar o chorinho dele e aí, aliviou, sabe”.

3.7 Encontro com o bebê

Os traços faciais do bebê pareceu receber atenção dos pais inicialmente, desencadeando sentimentos positivos ou negativos devido a semelhanças ou não consigo.

3.7.1 Satisfação narcísica

Percebeu-se que havia um desejo dos pais participantes de que seus filhos fossem parecidos fisicamente com eles, mais do que semelhantes na personalidade. Tales se mostrou orgulhoso por perceber que o filho era parecido com ele: *“Parecido, fisicamente, comigo”*. Quanto à personalidade disse: *“E o jeitinho um pouquinho... é, um pouquinho da... da Ana, da mãe”*.

3.7.2 Frustração narcísica

Caio se sentiu frustrado: *“É a cara da mãe dele, da família dela, principalmente o lado paterno, mas é o xerox. Tem uns tios dele, tios-avós assim, eu sempre brinco, eu digo que ele é muito parecido com eles”*. E revelou: *“Mas é um pouco frustrante, sim, não vou dizer que não. Eu quero que ele seja um pouquinho parecido, não tem um pai que não queira, né?”*. Quando questionado sobre a personalidade de Mateus, ele disse: *“Ah, não, aí, eu acho que ele é mais parecido comigo”*.

3.8 Reação às mudanças da mãe/ do casal

Os relatos dos pais Caio e Tales apontaram pouco conhecimento a respeito da relação simbiótica que a mãe estabelece com o bebê nos primeiros meses de vida dele e demonstraram certa incompreensão dos comportamentos de sua esposa que manifestavam distração, esquecimento e falta de atenção a eles. As mudanças na rotina exigidas pela vinda do filho também surpreenderam os novos pais, sentindo-as mais difíceis do que esperavam ser.

3.8.1 Dificuldade para compreender a regressão materna primária e a simbiose mãe/bebê

A análise das entrevistas apontou que os pais sentiram dificuldades para compreender a íntima relação da díade mãe-bebê, de perceberem o quanto a esposa regride psiquicamente para poder cuidar de seu filho, havendo a necessidade de um tempo para formarem a tríade mãe-bebê-pai. Caio mencionou uma situação na qual a esposa precisou pedir seu afastamento para que pudesse cuidar e ficar sozinha com seu bebê: *“Como eu fiquei bastante tempo em casa, também foi difícil porque a Eliana veio chamar minha atenção que muita coisa era obrigação dela. Então que era melhor eu pegar e continuar fazendo as coisas (referentes ao trabalho profissional) e tal, então, pra mim essa saída de volta [ao trabalho], pra mim foi complicado”*.

Este pai ainda falou de outra questão para ele difícil: a diminuição da intimidade do casal: *“Eu acho que pro pai, o tempo começa ser angustiante, sabe? Isso (a simbiose com o bebê) demora. E daí, pra gente passa alguns meses e aquilo ali começa a ser um pouco angustiante. Daí, querendo ou não, tu acaba te afastando um pouco da... principalmente a questão afetiva, tu acaba te afastando um pouco, o casal acaba se afastando um pouco”*.

Tales demonstrou certa incompreensão por Ana não sair mais de casa e buscar outros lazeres para ela: *“Às vezes, eu acho que ela se estressa um pouquinho por causa disso também, porque ela não sai de casa, não vai conversar com os amigos dela”*. Também expressou não entender o fato dela se esquecer de alimentar a cachorrinha: *“Ela se preocupa muito com ele [o filho], a preocupação é sempre... É cem por cento, total com ele, às vezes, eu até acho que ela esquece um pouquinho da Bebel [cachorrinha], né, até, às vezes, eu discuti com ela esses dias por causa que ela não... Não dava atenção mais pra Bebel, deixava a Bebel de lado, tanto que a Bebel tava emagrecendo, ela esquecia de dar comida pra ela, água, trocar a água dela e coisa, então ela tá... Ela tá sendo uma mãezona pro Vítor, mas então, ela tá esquecendo um pouco da vida que ela tinha antes”*. Este pai ainda criticou outros esquecimentos: *“‘Ana, onde é que tá a mamadeira?’, ‘Ah, tá lá na despensa’. ‘Não, na despensa, não tá’. Então, tu... às vezes, tu até critica um pouco pra ver se, quando ela, quando o nenê tiver dormindo pra ela ter essa organização. Eu sei que não é fácil, mas a gente tá lidando. Tamo lidando pra ver se ajuda também. Mas, quando eu acho também fora do lugar, às vezes, eu nem comento. Então, eu procuro guardar pra não ter uma discussão ou uma coisa nesse sentido. Pra ajudar”*.

3.8.2 Aceitação das mudanças na rotina – dependência do bebê

Embora estes pais viessem se preparando para as mudanças na vida com a chegada do bebê, a existência real deste momento pareceu exigir uma adaptação não tão tranquila. Caio relatou estar surpreso com o tempo gasto com os cuidados do bebê: *“A dificuldade é questão de tempo porque eles te tomam todo o tempo do mundo, sabe, por mais que ele tá ali e coisa, mas eles vão te ocupando o tempo. E cada etapa de uma maneira diferente. Cada semana, eles mudam”*.

Tales revelou querer realizar outras atividades ao chegar em casa do trabalho, mas não conseguia por causa do bebê: *“Então, em casa, como a gente veio a pouco tempo, a gente não tá nem um ano na casa, tem muitas coisinhas que a gente faz, então, eu faço eu mesmo. É, alguma... Cortar grama, limpar piscina, varrer folha, coisas que a Ana não consegue fazer durante o dia. E lavar meu carro, lavar minha moto, instalar um chuveiro, por exemplo, essas coisas assim, às vezes, tu não consegue fazer isso quando tu chega em casa. Então, porque a*

Ana já tá o dia todo com a criança, com o Vítor, então, tu tem que dar uma atenção pra ele, né, então, tu tem que achar o tempo quando o Vítor descansar e coisa e tal, tu dá uma atenção pra Ana também e depois tu faz essas coisas. Então, eu vejo assim, que pra mim, eu ainda tô me acostumando com essa rotina, mas tá sendo tranquilo, tô sabendo lidar com a situação”.

3.9 Apoio emocional à mãe

Nas entrevistas analisadas foi verificado que os pais eram sensíveis para perceberem que suas esposas necessitavam de apoio emocional, demonstrando atitudes de cuidado, compreensão e paciência para com elas.

3.9.1 Esforço para compreender as dificuldades emocionais da esposa

Caio mostrou que ele próprio sentia dificuldades emocionais, buscando dialogar com a esposa sobre elas, mas priorizando cuidá-la: *“Tu acaba ficando de lado. E daí, eu já tentei conversar sobre isso e coisa com ela, daí, ela disse ‘mas eu não consigo, pra mim é difícil’. A gente tenta respeitar, levar tudo numa boa, mas é difícil”.*

Tales pareceu mostrar-se disponível para a esposa: *“A Ana também, às vezes, na sexta-feira do feriado ela tava estressada em casa e eu vendo que ela estava estressada e eu não queria sair de casa e acabei cedendo porque ela queria dar uma volta porque o dia todo em casa. Tem o carro dela, mas ela, às vezes, fica com medo de levar o nenê junto, então, a coisa complica. Mas aí, tu tem que dar uma volta, tu tem que saber relevar. Tem que ceder”.*

3.9.2 Esforço para se mostrar mais paciente e tolerante em relação à esposa

Os relatos dos pais revelaram que os primeiros meses de vida do bebê envolvem mudanças na rotina que afetam emocionalmente a mãe, mas a eles também. Contudo, se esforçam para compreenderem a esposa, buscando ajudá-la. *“Ela tá com dificuldade pra voltar [a fazer tarefas do trabalho], eu vejo isso aí como uma dificuldade grande. Aí que nem às vezes ela se sente, acha que tá acima do peso, que tal coisa não tá bom, daí, fica com aquela coisa de querer fazer dieta. Coisa de mulher, né. Mulher encasqueta com essas coisas que o marido acha ela feia e é justamente ao contrário. No meu ponto de vista pelo menos, é justamente ao contrário. Pra mim tá tranquilo, eu não vejo nenhum problema. É uma fase normal da vida que vai acabar passando... E daí, eu já tentei conversar sobre isso e coisa com ela, daí, ela disse ‘ah, mas eu não consigo, pra mim é difícil’. A gente tenta respeitar, levar tudo numa boa, mas é*

difícil... Ser pai acima de tudo tem que ter paciência”, falou Caio. Tales demonstrou apoiar a esposa quando disse: “Às vezes, até, eu tô fazendo alguma coisa em casa e eu largo pra poder ajudar ela. Pra poder ajudar porque a gente sabe que não é fácil ela tá o dia todo em casa com ele, e antes ela exercia atividades, hoje ela já... só tem isso pra fazer, então, pra ela, é... acho que é uma coisa meio monótona, toda hora sempre fazendo a mesma coisa”.

3.10 Envolvimento paterno

Caio e Tales participaram ativamente dos cuidados ao bebê, demonstrando prazer em estar com o filho e também responsabilidade que a função de ser pai exigia a eles. O tempo para a realização deste cuidado, compromisso e prazer com o bebê apresentou-se um fator facilitador ou um entrave pelo desejo de querer estar mais com o filho.

3.10.1 Interação: participação das atividades de cuidado do bebê e proximidade afetiva

Os relatos das entrevistas analisadas verificaram que os pais participavam ativamente dos cuidados dos filhos e encontravam satisfação nestas tarefas. Tales referiu um momento íntimo com seu bebê: *“Gosto de dar banho porque ele não... ele não chora, ele fica alegre, ele sorri, então, é um momento nosso ali dentro do banheiro, então, fica só eu e ele praticamente, então é muito legal. Muito bom mesmo”.* Também falou de como eles brincavam: *“Boto paninho no rosto e aí tira, daí, faz ‘bé!’. Faz cosquinha, no banho, canta musiquinha da galinha pintadinha. Aí, tu bota o DVD da galinha pintadinha, fica dançando na frente, fica fazendo palhaçada que normalmente tu faria. Com criança, tu acaba voltando a ser criança. E ele feliz, sorrindo, dá um sorriso e tira foto, e leva a foto pros amigos”.*

Caio contou da sua relação com Mateus: *“E quando eu chego que eu abro a porta lá ou alguma coisa, ele já fica olhando pra ver. Eu entro, ele já dá um grito, dá uma risada ou alguma coisa e eu logo pego ele também, ele já sabe que eu vou pegar ele. Aí, ele já larga bico, ele tá naquela fase de querer morder, aí, ele vem pro colo, ele pega e vem querer morder e ele fica bem faceirinho”.* Falou do que gostava de fazer com o filho: *“Ah, eu gosto de sair com ele. Eu gosto bastante de sair com ele, passear. Agora, ele ganhou um móbile de dia das crianças de botar no chão e é aquele monte de coisa, é espelho, um faz som, o outro faz barulho, o outro puxa e volta e tal. E o legal é aquilo ali: é ver ele se divertindo e coisa. Eu gosto de sair com ele, gosto quando ele tá bem, tá bem humorado, tá brincando com o carrinho, isso é legal”.*

3.10.2 Responsabilidade:

Os dois pais entrevistados mostraram-se responsáveis pela paternidade, preocupando-se com o futuro do bebê, com a rotina e afazeres da casa: *“Tu quer ter responsabilidade, tu pensa se tu fazendo da maneira certa. Querendo ou não, às vezes, ele tem umas birrinha ou coisa assim ó, que às vezes eu me irrita um pouco, aquela coisa, daí, tem que relaxar. E daí, tu já pensa: tô fazendo certo? Tô fazendo errado? Será como tá? Então, são aquelas preocupações. Eu tenho sempre preocupação que ele seja uma criança educada”*, revelou Caio. Tales parece assumir tarefas importantes: *“Tarefas, eu ajudo a limpar a casa, ajudo na organização lá das coisas dele que fica em cima da cama que a gente ainda troca ele em cima da nossa cama, apesar de ele ter o quatinho dele. Levo o carrinho pra cima (a casa tem dois andares), subo as escadas com o carrinho, desce carrinho, faço a deda [a mamadeira]”*.

3.10.3 Acessibilidade: carga horária de trabalho como facilitadora ou empecilho para ficar mais com o bebê

Nos relatos analisados pelos pais, verificou-se diferenças entre eles nesta subcategoria. Caio tinha flexibilidade nos horários e Tales precisava cumprir um horário fixo de trabalho.

Caio pareceu ter uma profissão que permitiu maior acessibilidade ao filho, podendo ficar bastante tempo com ele: *“É um apego grande e depois assim ó, eu me dediquei bastante a ele. Sabe? Eu fiquei eu acho que um mês e meio que só ia pra faculdade de noite. Os trabalhos eu consegui adiantar antes, por isso não acumulou, mas enfim, trabalho eu dou conta. Mas eu acho que eu fiquei uns quarenta e cinco dias, ali mais ou menos, que eu fiquei em casa. Eu cuidava, ajudava, então, eu me dediquei a isso e hoje eu não consigo ficar sem ele”*.

Para Tales, a situação era outra, o que suscitava sentimentos bastante distintos dos de Caio: *“Às vezes, não muito em casa por falta de tempo, por viajar, alguma coisa nesse sentido. Talvez, às vezes, eu acho que ele não me reconhece porque, como a Ana tá muito mais com ele do que eu, às vezes, sei lá, eu sinto isso. Então, eu acho nesse sentido, mais por tá, às vezes, muitas vezes ausente, de não tá o dia todo com ele, no caso”*.

3.11 Sentimentos em relação à paternidade

Os sentimentos como pais, despertados pela chegada do filho, foram de alegria e de não se reconhecerem mais na ausência deste. Ambos se percebiam estar fazendo uma boa função paterna e ainda sentiam que o momento exigia deles paciência, flexibilidade e companheirismo

com as esposas para conseguirem se adaptar a nova rotina que com o nascimento do bebê se fazia necessária.

3.11.1 Alegria, satisfação

Ao falarem da experiência da paternidade, os pais entrevistados manifestaram satisfação, ao exemplo de Tales: *“Tá muito bom ser pai, não imaginava que era uma experiência tão maravilhosa. Pra mim, tá sendo maravilhoso, eu já, volta e meia tô pensando, eu sempre digo pra Ana, eu tô pensando já na Isabela”*. Caio assim expressou: *“Mas é difícil de explicar o que a gente sente ali com o filho. Eu não me vejo mais sem ele”*.

3.11.2 Perceber-se um bom pai

Verificou-se que Caio e Tales se avaliaram positivamente como pais. Tales revelou: *“Pelo que eu tô sentindo, tô sendo um paizão”*. Caio também demonstrou perceber-se um bom pai, apesar da insegurança: *“Eu procuro ser um bom pai. Eu procuro, dentro da vida que eu tenho, às vezes, acho que de repente, eu acho que sou muito prático ou muito seco às vezes com ele. A Eliana até que diz ‘Ah, o Caio é mais seco com ele’. (...) Ele dá umas resmungadinhas, alguma coisa, daí, eu levanto, caminho com ele. É muito difícil eu me estressar com ele, mas esse tipo de coisa (o bebê fazer birra, resmungar) ele não faz comigo”*.

3.11.3 Adaptação às mudanças na rotina

Os pais participantes revelaram que as mudanças na rotina foram muitas e que se adaptar a elas exige flexibilidade, companheirismo e paciência: *“Então, eu vejo assim, que pra mim, eu ainda tô me acostumando com essa rotina, mas, é, tá sendo tranquilo, tô sabendo lidar com a situação. E amigos também, ‘Ah, vamos jogar bola? Vamos fazer alguma coisa, vamos caminhar. Vamos andar de bicicleta’. É, hoje, eu acho que não vai dar, amanhã talvez. Vamos ver como é que tá lá em casa. Então, antes, tu só ligava e dizia ‘ó, vou andar de bicicleta, vou caminhar’ e coisa e tal. Hoje já, não. Hoje tu liga pra casa, vê se tu tem a possibilidade de fazer alguma coisa ou não”*, expressou Tales.

De modo semelhante, Caio revelou à necessidade de dedicar seu tempo integralmente ao bebê e de se adaptar às suas necessidades: *“A dificuldade é questão de tempo porque eles te tomam todo o tempo do mundo, sabe, por mais que ele tá ali e coisa, mas eles vão te ocupando o tempo. E cada etapa de uma maneira diferente. Cada semana, eles mudam. Se naquela semana*

anterior ele dormia em tal horário, na outra semana já muda e já é tempos diferentes. Já mama mais ou mama menos, já quer outras coisas. Aquele negócio dele ficar deitado já não serve mais, tem que ter alguma outra coisa pra se distrair e assim, eles vão evoluindo toda semana. Então, eles te ocupam todo o tempo do mundo de maneiras diferentes”.

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO

Estudos interessados na relação pai-bebê vêm recebendo a atenção de profissionais da área do desenvolvimento infantil nos últimos anos. Este trabalho buscou colaborar com novos conhecimentos a respeito da paternidade na atualidade, mostrando o papel do pai na fase final da gestação da esposa e no início da vida do bebê, como função na sua interação, presença e comportamentos, pretendendo, igualmente, demonstrar algumas transformações e sentimentos que o processo de transição para a paternidade evoca.

A partir da análise dos relatos dos pais participantes observou-se que, assim como as mães passam por significativas mudanças rumo à maternidade e no início desta, os pais também se envolvem com a gravidez e com os cuidados ao bebê. Eles experienciam sentimentos intensos, preocupações, mudanças na rotina, desejo de estar mais perto do filho. Passam, enfim, por processos no sentido da constituição da paternidade que mobilizam emoções e novas atitudes diante desta nova função que chega a eles.

Conforme apontado por Schwingel, Mantese e Vianna (1993), e verificado no presente estudo, os pais vêm ocupando um novo lugar na sociedade e na família, observado a partir de uma significativa aproximação afetiva em relação aos filhos, participação das responsabilidades juntamente com a mãe, sendo ativos nos cuidados das crianças.

Os resultados deste estudo revelaram que os pais se envolveram com a gravidez de diferentes maneiras, deparando-se com sentimentos intensos, com preocupações, com mudanças na rotina. Segundo Souza (1997), a gravidez e a formação do triângulo familiar geram no homem sentimentos ambivalentes de felicidade e tristeza, aceitação e negação, indicando que assim como as mães passam por transformações emocionais importantes, os pais também vivenciam a paternidade como um momento especial em suas vidas.

Uma forma de envolvimento com a gravidez demonstrada pelos pais deste estudo foi o apoio fornecido à gestante por meio de ajuda material devido às limitações físicas desta, através de tarefas domésticas, dirigindo e auxiliando nos cuidados pessoais e com a saúde da esposa. O apoio emocional que estes pais ofereceram às gestantes, como estar disponível, conversar com ela, ser mais paciente e compreensivo, também representa envolvimento. Os resultados de Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes e Tudge (2004) revelaram que muitos pais estavam envolvidos de diversas formas com a gestação de seu filho, demonstrado a partir do apoio material, apoio emocional à gestante, acompanhamento às consultas médicas e pré-natal e ainda, participação com os preparativos para a chegada do bebê.

Para os pais entrevistados, a gravidez da esposa havia sido muito esperada e o período de gestação teve muito investimento afetivo. Os últimos meses da gravidez traziam sentimentos de alegria e ansiedade e os faziam lembrar do quanto queriam este filho, desde antes da gestação da esposa. O desejo pelo filho também apareceu como sinônimo de fertilidade e continuidade de sua espécie, o que condiz com a compreensão psicanalítica dos aspectos narcísicos envolvidos no desejo de ter um filho (Freud, 1914).

A transformação do corpo da esposa demonstrou ser um ponto que coloca os pais na realidade de que serão pais. Este estudo apontou que o sentimento de estranhamento, sentido por Tales, parece estar relacionado com os sentimentos em relação à constituição da paternidade, de precisar elaborar esse vir a ser pai. Já a admiração pelo tamanho da barriga, mostrado por Caio, demonstra mais sintonia e preparo para a chegada do bebê. Assim, o presente trabalho cogita haver uma relação entre o sentimento sobre as mudanças do corpo da gestante e o modo como vai se dando o processo para a paternidade.

Neste trabalho observou-se que o apoio dos familiares era importante para os pais, podendo-se verificar que a vinda da paternidade é um momento de muita sensibilidade para eles e que contar com o suporte da família os faz sentir mais acolhidos e seguros. Supõe-se que recorrer à família, manifeste a necessidade que os pais também têm, assim como as mães, de uma rede de apoio protetora que os ajude a assegurar o seu bem-estar físico e emocional. Stern (1997) é quem nos ensina sobre a importância deste apoio no tema *matriz de apoio*, integrante de sua teoria sobre a “Constelação da Maternidade”, onde faz referência à reorganização psíquica da mulher após o nascimento do bebê. Deste modo, pode-se analisar que é essencial para os pais a existência de pessoas que possam lhes proporcionar apoio e ajuda e, portanto, indica que a importância da *matriz de apoio* não faz parte apenas da “Constelação da Maternidade”, mas também de uma “Constelação da Paternidade”.

Para Winnicott (2008) o pai é importante no desenvolvimento psíquico da criança desde a gestação, período no qual é essencial seu apoio à mãe, colaborando para sua saúde emocional e física. Os relatos revelaram que os pais percebiam as fragilidades emocionais e físicas da esposa no período final da gestação, buscando ajudá-las e apoiá-las significativamente, indicando que estavam conectados emocionalmente com a gestante e com o bebê. Neste sentido, estes pais pareciam exercer este papel de apoio, cuidando das questões externas e fornecendo suporte emocional à esposa para que ela pudesse vivenciar a regressão materna primária. Como defende Fulgêncio (2007), o pai é a pessoa mais indicada para dar suporte à companheira, visando um ambiente estável e acolhedor.

O acompanhamento ao pré-natal e a presença nas ecografias apareceram como uma forma de participação ativa dos pais na gravidez. A presença destes momentos despertaram

sentimentos de emoção, responsabilidade e a sensação de presença real do bebê. Esta análise está de acordo com os resultados encontrados por Piccinini et al. (2004), que verificaram que o acompanhamento às consultas e exames pré-natais é um modo de os pais participarem da gravidez e que esta experiência de ter um contato visual com o bebê através da ecografia, desencadeia, em muitos deles, reações bastante positivas, proporcionando uma sensação de presença concreta do bebê.

A proximidade do nascimento do filho demonstrou desencadear preocupações e medos em relação à saúde da esposa e do bebê, principalmente no momento do parto. Pode-se refletir sobre os sentimentos de ansiedade e impotência que permeiam estes pais neste período, quando a eles resta ocupar um lugar de apoio e de expectador da situação, conforme referido por Rohde (1991).

No último trimestre da gestação, quando o nascimento do bebê está próximo, o pai, de acordo Piccinini et al. (2004), geralmente consegue percebê-lo como real e se envolve mais com os preparativos para a sua chegada, sentindo como importante esse momento para a sua vida. Isso também foi verificado a partir das verbalizações dos pais participantes deste estudo. Os meses finais de gestação da esposa evocaram a necessidade de uma real reorganização na casa, como a preparação do quatinho do bebê e a preparação da nova rotina, incluindo mudanças profissionais e a diminuição de momentos de lazer do casal. Estas transformações que a vinda do bebê provocaria na rotina e na vida da família eram encaradas como esperadas pelos pais, embora soubessem que haveria a necessidade de um tempo para se adaptarem a elas. A aproximação do nascimento do bebê revelou que neste período os pais já haviam elaborado com maior clareza a vinda da paternidade, e participar dos cuidados do filho também se apresentou como um desejo e grande expectativa. Ao criarem para si o seu filho imaginário, fantasiando suas características físicas e sua personalidade, os pais também demonstraram estar vivenciando a paternidade e interagindo com o bebê ainda no ventre materno.

Os pais entrevistados para este trabalho assistiram ao parto por decisão própria. Ambos revelaram que o foco, a atenção era para o bebê. Parece que acompanhar os profissionais e os procedimentos que eram feitos com o bebê fazia com que se sentissem úteis num momento tão delicado e especial e poderia indicar que, assim como a mulher deu à luz, deu a vida ao bebê, ao pai cabia vigiá-lo como forma de cuidado. O encontro com o bebê demonstrou ser repleto de emoção, de verificarem se o bebê ideal era também o real. Tales estava realizado, percebia seu filho muito parecido com ele, como havia imaginado. Já Caio, revelou frustração pelo filho não ser fisicamente parecido com ele. A satisfação narcísica de ver em seu filho uma continuidade de si parece ter sido abalada pela ausência de semelhança física.

Estes pais, embora envolvidos com a paternidade, revelaram pouca compreensão diante da regressão materna primária, quando há uma maior introspecção emocional da esposa com seu bebê (Winnicott, 1983). Poderia se pensar que, por esta regressão ser exclusivamente e intensamente maternal, fica difícil para o pai entender com clareza o que se passa na díade mãe-bebê. Segundo Winnicott (1983) a realização de um cuidado materno satisfatório só é possível devido a um cuidado paterno. A análise das entrevistas indicou que os pais deste estudo estariam realizando esta função do cuidado, mesmo não compreendendo alguns comportamentos das esposas como o de estarem mais esquecidas, de ter pouca socialização e deixarem de perceber coisas externas a ela e ao bebê.

Os pais esperavam ansiosos para participar da relação mãe-bebê. Observou-se que para eles parecia ser difícil ficar de fora inicialmente da simbiose mãe-bebê. Queriam participar de todas as atividades que envolvessem o bebê: colo, banho, alimentação, trocas de roupa... Em um dos casos entrevistados, o de Caio, ficou evidente o sentimento da esposa quando ela precisou pedir o afastamento do marido para que pudesse ficar a sós com o bebê e assim, poder cuidá-lo do seu jeito. Fulgêncio (2007) discutiu sobre a função paterna de proteger o vínculo mãe-bebê, cuidando para que nada o prejudique, pois são dos cuidados maternos que o bebê inicialmente necessita para sobreviver. Winnicott (1983) ensina que o pai precisa servir como holding para a mãe, atendendo às suas necessidades, dispondo de um ambiente tranquilo, estável e total para que o bebê se desenvolva saudável. Isso, em alguns momentos, pareceu difícil para Tales e Caio. O desejo de participar dos cuidados e dar atenção ao bebê, do mesmo modo que a mãe, demonstra que o pai vem entrando mais cedo em relação com o bebê, o que poderia ser, em alguns momentos, algo intrusivo na relação mãe-bebê.

Mesmo que os pais deste estudo tenham demonstrado um não entendimento do vínculo inicial mãe-bebê e até invadido de alguma forma este espaço, eles pareceram buscar compreensão e não deixaram de dar assistência às esposas, de ter paciência com elas e de estar disponível, o que indica que tais atitudes possam amenizar a interferência na díade e os prejuízos então decorrentes.

O estudo revelou que estes novos pais interagiam com seus bebês através de brincadeiras, dando banho, alimentando e passeando, encontrando muita satisfação nisso. Preocupações como a de estar cuidando certo do filho, de ajudar nas questões da casa, de apoiar a esposa são atitudes que demonstraram presença e cumprimento de sua função como colaborador, cuidando das questões da realidade e protegendo a esposa que também se encontrava em estado de dependência. Como acredita Fulgêncio (2007), ao pai cabe estar atento às questões externas e criar um espaço seguro, dando suporte e tomando iniciativas para que a mãe possa cuidar do bebê.

As mudanças na rotina, que com a chegada do bebê se concretizaram, pareceram surpreender os pais, pois o tempo que o bebê ocupava com atividades como banho, alimentação, atenção, carinho, organização da casa e cuidado com a esposa era maior do que imaginavam. Mas ambos os pais mostraram-se pacientes, flexíveis e companheiros, confirmando a tese de Souza (1997) de que a paternidade é dinâmica, é uma experiência que se constrói constantemente, exigindo uma contínua adaptação emocional.

Em relação aos sentimentos despertados pela paternidade, verificou-se a presença de alegria e o reconhecimento dessa nova função por parte dos pais, não se imaginando mais sem a existência do filho. Caio e Tales tinham uma avaliação positiva da forma como vinham exercendo a função paterna. Deste modo, pode-se pensar que ambos eram pais presentes e envolvidos com a criança, sendo, assim, importantes na vida dela desde a gestação da esposa, o que, segundo Winnicott (2008), favorece o seu desenvolvimento psíquico.

O estudo também aponta que a rotina dos cuidados com o bebê brotavam sentimentos que exigiam paciência e flexibilidade com a esposa, indicando que os pais buscavam proporcionar um ambiente tranquilo e estável a ela para que tivesse percepção e empatia das necessidades do bebê, o que Winnicott (1983) chamou de holding e refere ser um dos papéis principais dos pais na fase da dependência absoluta do bebê.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as verbalizações dos pais e as discussões realizadas no decorrer do trabalho, verificou-se que, atualmente, os pais estão se envolvendo de maneira presencial, afetiva e emocional com a gestação, e após, com a mãe e o bebê.

Observou-se que os pais que participaram deste estudo possuem dificuldades para compreender a regressão emocional pelo qual a mãe passa na fase final de gestação e no início da vida do bebê, fundamental para ser uma “mãe suficientemente boa” (Winnicott, 1983). Apesar de sentirem o desejo de viver uma ligação intensa com o filho, assim como a relação mãe-bebê, isto não ocorreu e ambos os pais cumpriram sua função paterna de holding, cuidando e protegendo física e emocionalmente das esposas. O presente trabalho também apontou que há um processo emocional significativo rumo à paternidade, quando os pais se deparam com uma série de sentimentos e mudanças pessoais e profissionais e ainda precisando realizar as funções de apoio e suporte emocional à gestante e mãe, demonstrando que o início da paternidade também exige paciência, flexibilidade e disponibilidade.

A partir do exposto no estudo realizado, revela-se a necessidade de maior atenção e cuidado da saúde mental do pai “grávido” e no início de sua paternidade, quando o bebê já está presente em sua vida. Há a demanda dos pais receberem apoio e orientações dos profissionais da psicologia sobre a sua função e o processo emocional pelo qual as mães passam no período final da gestação e nos primeiros três meses de vida do bebê, o que Winnicott (1983) denominou de regressão materna primária, mostrando ser essencial que a função paterna seja realizada por alguém.

Cabe destacar que este estudo contou com a análise de dois casos. Embora se acredite que as entrevistas, e sua posterior análise, tenham propiciado uma boa compreensão a respeito de como esses homens estavam vivendo a experiência da paternidade, os resultados deste estudo não podem ser generalizados. O presente trabalho não teve a pretensão de falar de todos os pais da atualidade, mas sim de apontar que existe hoje uma nova forma de ser pai, que inclui no seu papel uma série de funções maternas, de cuidado, mas sem necessariamente, deixar de cumprir a função paterna.

REFERÊNCIAS

- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Borges, M. L. S. F. (2005). *Função materna e função paterna, suas vivências na atualidade*. Dissertação de Mestrado, programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais. Disponível em [.www.scielo.br](http://www.scielo.br)>. (Acessado em 19/04/2012)
- Freud, Sigmund (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (1976). Rio de Janeiro: Imago.
- Fulgêncio, C. D. R. (2007). *A presença do pai no processo de amadurecimento: um estudo sobre D. W. Winnicott*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia (1998c). *Entrevista sobre a gestação e as expectativas do futuro pai*. Porto Alegre: Instituto de Psicologia, UFRGS. (Instrumento não publicado)
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia (1998c). *Entrevista sobre a Experiência da Paternidade e o Desenvolvimento do Bebê no Primeiro Trimestre*. Porto Alegre: Instituto de Psicologia, UFRGS. (Instrumento não publicado)
- Lopes, R., Vivian, A., Oliveira, D., Silva, C., Piccinini, C., e Tudge, J. (2009). “Quando eles crescem, eles voam”: percepções e sentimentos maternos frente ao desenvolvimento infantil aos 18 - 20 meses. *Psicologia em Estudo*, 14 (2). Disponível em <http://www.scielo.br> . (Acessado em 10/04/2012)
- Piccinini, C. A., Silva, M. R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. S. e Tudge, J. (2004). O Envolvimento Paterno durante a Gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17 (3), 303-314. Disponível em <http://www.bvs-psi.org.br>>. (Acesso em 10/04/2012)
- Piccinini, C., Tudge, J., Lopes, R. C. S., e Sperb, T. (1998). *Estudo longitudinal de Porto Alegre: da gestação à escola*. Instituto de Psicologia, UFRGS. (Projeto de pesquisa).

- Rhode, Z. A. A função paterna no desenvolvimento do bebê. In Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, v. 13, n. 3, p. 127-135, 1991.
- Schwingel, B., Mantese, I. A. & Vianna, T. R. (1993). Olhando o Pai. *Publicação CEAPIA*, 6, 44-58.
- Silva, M. R. (2007). *Paternidade e depressão pós-parto materna no contexto de uma psicoterapia breve pais-bebê*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Souza, S. L. (1997). O papel do pai. In: Zugaib, M. (Org.) *Obstetrícia psicossomática* (pp. 62-70). São Paulo: Atheneu.
- Stake, R. (1994). In: Denzin, N., e Lincoln, Y. *Handbook of Qualitative Research*, Sage, Londres.
- Stern, D. (1997). *A constelação da maternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D. W. (1983). Teoria do Relacionamento Paterno-Filial. In: Winnicott, D. W. *O Ambiente e os Processos de Maturação* (pp. 38-54). Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 1960).
- Winnicott, D. W. (2008). *A Criança e o seu Mundo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

ANEXOS

Anexo A

Entrevista Sobre a Gestação e as Expectativas do Futuro Pai
(GIDEP - UFRGS - 1998)

(Terceiro trimestre)

Nome: Idade:

1. Eu gostaria que tu me falasse sobre a gravidez da tua mulher, desde que tu ficaste sabendo, até agora.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- É o teu primeiro filho?
- Como tu te sentiste ao receber a notícia da gravidez? Foi uma gravidez planejada?
- Como te sentiste, no início e agora, no final da gravidez?
- Quais as tuas preocupações em relação à gravidez e ao bebê?
- Como te sentes em relação ao nascimento do bebê?
- Como está a saúde da tua mulher, desde o início da gravidez até agora?
- Tu tens ido ao médico junto com a tua mulher para acompanhar a gravidez? Quantas vezes tu já foi?
- Ela já fez alguma ecografia? Tu estavas junto? Como te sentiste ao ver o bebê?
- Como estás te sentindo em relação às mudanças do corpo da tua mulher?

2. Tu poderias me contar como tem sido para a tua mulher, desde que ela soube da gravidez até agora.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como ela reagiu à notícia da gravidez?
- Tu achas que a gravidez mudou alguma coisa nela?
- E no relacionamento de vocês?
- Quais as preocupações dela em relação à gravidez e ao bebê?
- Que tipo de apoio tu tens oferecido a ela durante a gravidez?
- Que tipo de apoio ela tem te solicitado durante a gravidez?

3. Tu poderias me contar um pouco sobre a reação da tua família e a família da tua mulher em relação à gravidez da tua mulher.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como a tua família reagiu em relação à gravidez da tua mulher? (ex. tua mãe e teu pai)
- Como reagiu a família da tua mulher? (ex. tua sogra e teu sogro)
- Como reagiram os teus amigos a notícia da gravidez?
- Tem alguma pessoa ajudando vocês durante a gravidez?
- Quem tu esperas que vá ajudar vocês quando o bebê nascer?
- Tu pensas em colocar o bebê na creche ou deixar com alguém para cuidar? Porque esta escolha? Quando pensa em fazer isto?

4. Agora eu gostaria que tu me falasse sobre o teu bebê.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- O que tu já sabes sobre o bebê?
- Tu já sabes o sexo do bebê? Como te sentiste quando soubeste? E como a tua mulher se sentiu?
- (Se não sabe o sexo) O que tu gostarias que fosse, menina ou menino? Por quê? E a tua esposa?
- Vocês já pensaram num nome para o bebê? Quem escolheu? Algum motivo para a escolha?
- Tu já sentiste o bebê se mexendo ou reagindo a tua voz? Com é que foi?

5. Como tu imaginas que vai ser o bebê quando nascer?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Que características físicas imaginas que o bebê vai ter?
- Como tu imaginas que vai ser o jeito dele? Por quê?
- Com quem tu achas que o bebê vai ser parecido? Por quê?

6. Como tu imaginas o teu relacionamento com o bebê quando ele nascer?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tu te imaginas como pai?
- Quando tu te imaginas como pai, tu pensas em alguém como modelo? Quem seria? Como ele era como pai?
- Tem alguém que tu não gostarias de ter como modelo de pai?
- E o teu pai, como tu imaginas que ele era contigo?
- Como tu descreverias um bom pai?
- O que tu te imaginas fazendo com o bebê?

- Como tu te imaginas atendendo o teu bebê? (alimentando, consolando, brincando, fazendo dormir).

- E quando ele não quiser dormir ou comer ou quando chorar?

7. Como tu imaginas o relacionamento da tua mulher com o bebê?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tu achas que ela vai ser como mãe?

- Quando tu imaginas ela como mãe, tu pensar em alguém como modelo? Quem seria?

Como ela era como mãe?

- Tem alguém que tu gostarias que ela tivesse como modelo de mãe?

- E a tua mãe, como tu imaginas que ela era contigo?

- Como tu descreveria uma boa mãe?

- Como tu imaginas que ela vai atender o bebê?

- Tu achas que ela vai pedir a tua ajuda nos cuidados com o bebê?

- Em que tu achas que tu vais ajudar à tua mulher?

8. O quanto tu acha que o bebê ira mudar a tua vida e a da tua esposa?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Em que aspectos pensas que ocorrerão mudanças?

- E quanto ao relacionamento de vocês dois? Tu achas que vai ser afetado pelo nascimento do bebê?

- Como tu achas que vais te sentir com estas mudanças?

9. Como tu achas que o teu filho(a) vai ser quando crescer?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tu imaginas que vais criar o teu filho(a)?

- O que tu esperas para teu/tua filho(a) quando ele(a) crescer?

- O que tu não gostarias para ele(a)

10. Tu gostarias de fazer mais algum comentário sobre estes pontos que a gente conversou?

Anexo B

ENTREVISTA SOBRE A EXPERIÊNCIA DA PATERNIDADE E O DESENVOLVIMENTO
DO BEBÊ NO PRIMEIRO TRIMESTRE
(GIDEP - UFRGS - 12/1999)

(Primeiro trimestre do bebê)

1. Eu gostaria que tu me falasse sobre o bebê nestes primeiros três meses.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como está o desenvolvimento/crescimento do bebê?
- O que ele já é capaz de fazer que te chama mais a atenção (quais as suas habilidades)?
- Como tu descreverias o jeito do teu bebê?
- Era como tu imaginavas? (Se não era) O que está diferente?
- Com quem tu achas que ele é parecido? (física e emocionalmente) Era como tu imaginavas? Como tu te sentes com isto?

2. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre como está sendo a experiência de ser pai pela primeira vez.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como foi o nascimento do bebê? Qual foi a tua participação? Como tu te sentiste?
- Como tu estás te sentindo como pai?
- Que dificuldades tu tens sentido?
- Tu imaginavas que seria assim?
- Como tu te descreverias como pai?

3. Eu gostaria que tu me falasse sobre o teu dia-a-dia com o bebê.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Que tarefas tu tens assumido com relação aos cuidados do bebê? Como tu te sentes?
- Que coisas tu mais gostas de fazer com ele? Por quê?
- Que coisas tu menos gostas de fazer com ele? Por quê?
- Tu costumava brincar com o bebê? Com que frequência?
- Que tipo de brincadeira vocês costumam fazer?
- Como ele reage a estas brincadeiras?
- Onde o bebê passa a maior parte do tempo?

4. Eu gostaria que tu me falasse como tu estás vendo a tua esposa como mãe.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como é o jeito dela lidar com o bebê?
- Como tu achas que ela está sendo como mãe?
- Era como tu imaginavas?
- Ela solicita a tua ajuda? Como tu te sentes?
- Como ela vê a tua participação?

5. Tem outras pessoas te ajudando a cuidar do bebê?

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Quantas horas esta pessoa fica?
- Como tu te sentes com outras pessoas cuidando do bebê?
- O que te agrada? O que te incomoda?
- Como o teu bebê reagiu no início quando outra(s) pessoa(s) ficava(m) como ele? E hoje, como ele reage?

Como esta pessoa é com ele?

- (*Caso o bebê fique mais de 5 horas semanais aos cuidados de outra pessoa*) Porque vocês escolheram esta forma de cuidado para o bebê? (o que levaram em conta: proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc.)

6. O bebê foi para a creche?

(Caso não tenha mencionado)

(Se o bebê foi para a creche)

- Com que idade?
- Quantas horas ele ficava na creche? Quantas horas ele fica agora?
- Como foi a adaptação dele? Como ele está hoje em relação à creche?
- Como tu te sentiste? Como tu te sentes hoje em relação à creche?
- Por que escolheram colocar na creche? (o que levaram em conta: proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc.)

- Porque escolheram a creche que ele está?

(Se não foi para a creche)

Vocês estão pensando em colocar o bebê na creche? Quando? Porque escolheram colocar na creche?

- Como tu achas que ele vai reagir?
- Como tu achas que tu vai te sentir?

Anexo C

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Especialização em Infância e Família: Avaliação, Prevenção e Intervenção

Consentimento Informado

Pelo presente Consentimento, declaro que fui informado, de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do presente Projeto de Pesquisa, que busca investigar a função paterna no terceiro trimestre de gestação da companheira e no terceiro mês de vida do bebê.

Tenho o conhecimento de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa; terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo ao atendimento dispensado nesta instituição.

Entendo que não serei identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas com a minha privacidade.

Concordo em participar deste estudo, bem como autorizo para fins exclusivamente desta pesquisa, a utilização do conteúdo das entrevistas.

A orientadora responsável por este Projeto de Pesquisa é a Profa. e Dra. Milena da Rosa Silva.

Data: / /

Nome e assinatura da participante: